

Censura e educação

20 JUN 1986

Roque Spencer Maciel de Barros

JORNAL DA TARDE

Terminávamos nosso último artigo nesta folha ("Liberalismo e censura", 6/6) lembrando que o caminho para a consolidação de uma autêntica democracia, em que a cidadania seja uma realidade e em que o indivíduo se aparelhe para resistir à influência extremamente negativa de vários meios de comunicação, especialmente à enxurrada de programas esteticamente nulos e ética e socialmente deletérios derramados por televisões abertas, pouco preocupadas com o conteúdo do que veiculam, desde que dêem o "ibope" garantidor do êxito comercial, que tal caminho passa, necessariamente, por uma educação liberal que forme o espírito, o caráter e o sentimento.

Temos plena consciência de que essa educação, que seria a legítima censura para tentar deter a onda de permissividade e violência, não evidentemente causada, mas engrossada por tais programas, que ameaçam as próprias bases da convivência civilizada e apontam para a substituição de uma ordem humana civilizada pela pura anomia, não tem nada de parecido com o que se ministra nas nossas escolas de 1º e 2º graus — e até em universidades —, o que transforma as considerações que vamos fazer em uma especulação sem probabilidades atuais de realização. Trata-se de uma *idéia de educação* que não encontra ainda, entre nós, e raramente em nenhuma parte, se é

que se encontra em algum lugar, confirmação na experiência. Mas, como ensinava Kant nas suas lições sobre pedagogia, "uma idéia não é outra coisa além de um conceito de uma perfeição não encontrada na experiência": assim, o projeto, ou a idéia, de uma teoria de educação "é um nobre ideal" que não deve ser abandonado como quimérico, por mais obstáculos que encontre para a sua realização. Trata-se de uma norma ideal que, por menos que se realize, pode servir de apoio e de meta para a realização do que for possível na sua direção.

A CONSOLIDAÇÃO DE UMA AUTÊNTICA DEMOCRACIA PASSA POR UMA EDUCAÇÃO LIBERAL QUE FORME O ESPÍRITO, O CARÁTER E O SENTIMENTO

Não pretendemos, é claro, num simples artigo, expor um projeto pedagógico, mas ressaltar apenas, no seu contexto, um aspecto essencial que o integraria e referente à atitude do educador. Uma equívoca noção de liberdade, de uma parte, e uma fé ideológica, de outra, desvirtuaram, em grande parte, a educação de nosso tempo, seguindo, aliás, as oscilações de nosso século entre a ausência de regras claras de conduta e a imposição implacável de regras rígidas, capazes de anular a liberdade dos indivíduos. Nesses

extremos encontramos, exatamente, de um lado, a educação permissiva, em que tudo é permitido e em que os desejos do educando, sejam quais forem, não são reprimidos, e, de outro, a educação totalitária, na qual se pretende submeter as consciências a um molde único. E, por mais estranho que isso possa parecer à primeira vista, esses extremos jorram, no fundo, de uma mesma fonte, a contestação de uma sociedade democrática bem ordenada e responsável, como o mostraram, com rara felicidade e abundância de exemplos, Isabelle Stal e Françoise Thom, no seu A

ra dá inteligência, do sentimento e do caráter, respeitando em cada aluno uma personalidade inviolável, mas estimulando nele a realização de suas possibilidades positivas, para ele mesmo e para a comunidade, há de estar alerta diante daqueles dois extremos a que nos referimos: nem permissividade nem autoritarismo.

Nesse contexto, ele não pode ser aquele educador "bonzinho", que se deixa arrastar pelos caprichos do educando, mas procurará, com sua autoridade e seu saber (que nele devemos presumir), desenvolver no aluno a capacidade de julgar conscientemente, auxiliando-o a bem formar o seu caráter, os seus sentimentos e o seu gosto, ensinando-o a pensar, à medida que isso é ensinável, e a respeitar o outro, pessoa tão inviolável quanto ele próprio, o que é o princípio basilar da vida moral e do convívio civilizado.

Educandos que fossem assim formados seriam eles próprios os *censores* que auxiliariam, entre outras coisas, a exigir dos meios de comunicação padrões éticos e estéticos compatíveis com a democracia liberal que, imagino, no fundo todas as pessoas razoáveis desejam.

Voltaremos ainda a essa questão, sob um ângulo diferente.

Roque Spencer Maciel de Barros
é autor de "Ensaio sobre Educação"
e "Estudos Liberais"

Escola dos Bárbaros (tradução brasileira, T.A. Queiroz, 1987). E, se bem que o totalitarismo, ao menos neste fim de século, tenha sido vencido como sistema político no poder, sua influência, às vezes atenuada, às vezes ainda muito clara, continua, particularmente entre nós, a dar as cartas em muitas instituições de ensino, em especial universidades.

O educador consciente de sua tarefa, à medida que esta ultrapassa o ensino efetivo de sua disciplina, à medida que tem presente sua responsabilidade formado-